

IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE: NUMA PERSPECTIVA MUSEOLÓGICA E DE GÊNERO

Livia Maria Baêta da Silva¹

RESUMO: *O presente artigo faz parte de um projeto maior, o de Implantação de um novo Setor no Museu Afro-Brasileiro (CEAO-UFBA), Setor da Herança Cultural Afro-Brasileira. A Irmandade de N. S. da Boa Morte, constitui-se como uma confraria secular, que preserva a memória cultural afro-brasileira em seu contexto religioso. Esta pesquisa, especificamente, tem como objetivo a elaboração de um Banco de Dados sobre a história de vida das irmãs da Irmandade da Boa Morte, mostrando como elas preservaram e ainda preservam a memória afro-brasileira, através do recurso da oralidade, passando de geração para geração, essa história secular, formada através de muita luta, coragem e responsabilidade. No processo de recriação da memória das culturas de matriz africana no Brasil, pode-se afirmar que as mulheres foram as grandes responsáveis pela manutenção de diversas práticas culturais. No período colonial, tornaram-se líderes religiosas, criaram irmandades secretas, tiveram atuação efetiva nas insurreições escravas e estavam nos campos e cidades trabalhando. A partir da Irmandade, foram criados três Terreiros de Candomblé da cidade de Salvador: o Ilê Iyá Nassô Okó, Casa Branca, o Ilê Axé Opô Afonjá e o Ilê Iyá Omim Iyá Massê, o Gantois.*

Palavras-chave: Religiosidade; Gênero; Memória Afro-Brasileira

INTRODUÇÃO

Este texto é resultado de parte do levantamento bibliográfico e iconográfico, realizado para o Projeto de Pesquisa de Implantação do Setor da Herança Cultural Afro-Brasileira, no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, (julho de 2004 a abril de 2005). A pesquisa está articulada ao GEFIGE, Grupo de Estudos e Filosofia, Gênero e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação e ao Centro de Estudos Africanos e Asiáticos da Universidade Nova de Lisboa.

Do levantamento, foram listadas vinte e três fontes bibliográficas e doze iconográficas. A pesquisa desenvolveu-se em sete bibliotecas da cidade do Salvador. Destas fontes, foram feitos fichamentos e bibliografia comentada; matéria-prima para a elaboração deste artigo, ou seja, baseado em livros, revistas, jornais, catálogos, dissertações, monografias e entrevistas.

A IRMANDADE DA N. S. DA BOA MORTE

A Irmandade da N. S. da Boa Morte, composta unicamente por mulheres negras, a partir dos 40 anos, geralmente, adeptas do Candomblé, foi criada, possivelmente, em princípios do século XIX, na Igreja da Barroquinha em Salvador. A Irmandade, desde sua criação, teve e continua tendo como objetivos a devoção e o culto a Nossa Senhora, a prática de empréstimos e auxílios financeiros, as doações e, em caso de falecimento das associadas, a responsabilidade

¹ Graduanda de Museologia /Universidade Federal da Bahia - UFBA. Bolsista do PIBIC/CNPq, atuando no Museu Afro-Brasileiro. E-mail: liubabaeta@yahoo.com.br. Orientadora: Joseania Miranda Freitas, Professora do Departamento de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação /UFBA. Pesquisadora do Museu Afro-Brasileiro. E-mail: joseania@ig.com.br.

pelos rituais do sepultamento; no período escravista, realizavam a compra de alforrias para os escravizados.

No período colonial, existiram outras irmandades ligadas à Igreja Católica, em sua maioria, formadas por homens brancos, mulatos e pretos e, dentre essas irmandades de pretos, ainda vigorava outras subdivisões, a exemplo: dos angolanos, dos jejes e dos nagôs. A Irmandade da Boa Morte aproximava-se de suas congêneres, no entanto, ela é a única na qual as mulheres têm expressiva liderança.

Com a criação da Irmandade da Boa Morte, tem-se também o registro dos primeiros Terreiros de Candomblé de nação Ketu no Brasil, ligado à Irmandade, o *Iyá Omi Axé Ayá Intilá*, em homenagem a Xangô, numa casa no fundo da Igreja da Barroquinha que abrigava reuniões políticas e “manifestações de toda ordem”, (NASCIMENTO; ISIDORO, 1988, p. 16). Este Terreiro, após a sua fundação, sofreu várias perseguições por parte das autoridades civis e eclesiásticas, percorrendo algumas localidades soteropolitanas, fixando-se no bairro da Vasco da Gama, com o nome de *Ilê Iyá Nassô Okó*, atualmente conhecido como *Casa Branca*.

No início do século XX, o Terreiro da Casa Branca deu origem a mais outros dois na cidade do Salvador: o *Ilê Iyá Omim Iyá Massê*, fundado pela Ialorixá Maria Júlia da Conceição, no bairro da Federação, conhecido como Terreiro do Gantois e o *Ilê Axé Opô Afonjá*, em São Gonçalo do Retiro, fundado pela Ialorixá Eugênia Anna dos Santos.

Nos processos de registro da história oficial, muitas mulheres continuaram no anonimato, ainda assim, importantes nomes resistiram ao esquecimento, tais como: Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata; Maria Bibiana do Espírito Santo, conhecida como Mãe Senhora; Satira; Juliana; Sabina; Caetana; Maria José; Apolinária; Justiniana; Xandinha; Zina; Maria de Melo; Sinhá Abale; Maria Agda de Oliveira; dentre outras; (NASCIMENTO, 1998, p. 14).

Relacionando a criação da Irmandade da Boa Morte, de caráter católico, ao universo religioso afro-brasileiro, é possível encontrar laços comuns que remetem aos ritos de morte e vida, laços que remetem às iyabás do Candomblé: Nanã e Iansã, ligadas aos rituais de morte, o *axexê*, no culto afro-brasileiro; Iemanjá e Oxum, ligadas à fertilidade e à maternidade. Para a convivência no sistema religioso oficial, as irmãs da Boa Morte encontraram nesta dinâmica religiosa possibilidades de adaptações que propiciassem a realização de cultos semelhantes, uma vez que a igreja católica reverenciava os rituais relativos à morte e à assunção de Nossa Senhora.

A festa da Irmandade de N. S. da Boa Morte acontece no mês de agosto, mais precisamente nos dias 13, 14 e 15, dias em que se celebram a morte, o velório e a assunção de Nossa Senhora, numa adaptação do calendário católico que comemora a assunção de Nossa Senhora no dia 15 de agosto. Marcada por missas e procissões, esta festividade segundo Costa (2002, p. 13), remonta ao século IV d.C., em “Antioquia e na Palestina no século V”, já Nascimento (1998, p. 8) diz que o culto teve início em Portugal, em 1660, na Igreja Colégio Santo Antônio em Lisboa. Esta prática religiosa chegou ao Brasil no fim do século XVIII e início do século XIX.

Campos (2001), baseado em Verger, relata que a festa de Nossa Senhora da Boa Morte era a mais disputada da igreja católica; muitas igrejas realizavam missas e procissões, celebrando-se a festa no dia seguinte, mas nenhuma fazia tão bem como a Igreja da Barroquinha, com o mais extenso percurso, a mais concorrida e a mais aparatosa apresentação, sendo organizada durante anos pela Irmandade do Senhor dos Martírios da Barroquinha que depois passou a dividir a organização da mesma com a Irmandade da Boa Morte, que, *a priori*, era um grupo de mulheres negras devotas de Nossa Senhora da Boa Morte.

A transferência da Irmandade da Boa Morte para a cidade de Cachoeira

A cidade do Salvador, no século XIX, viveu intensos momentos de lutas, com constantes explosões de revoltas populares antilusas. Segundo Reis (1991, 2002), muitas foram as revoltas por território, liberdade e respeito, destacando-se, entre estas, a revolta do Quilombo do Urubu nos subúrbios de Salvador (1826); a revolta em Itapuã (1828); a rebelião no centro de Salvador (1830) sendo a principal delas a Revolta dos Malês em (1835). Neste ambiente de revoltas, as perseguições às associações e reuniões de negros se acirram, estimulando com isto, provavelmente, a saída da Irmandade da capital, transferindo-se para a região do Recôncavo, ainda no século XIX.

A Irmandade da Boa Morte instalou-se na então Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, (Nascimento, 1998, p. 14). Em Cachoeira, primeiramente, a Irmandade instalou-se numa casa conhecida como *Casa Estrela*. Tudo indica que esta casa pertencia a uma *lendária* senhora africana por nome Karoxa, (Nascimento; Isidoro, 1988). A casa recebeu esta denominação por conta de um Exu assentado na porta de entrada, em forma de uma estrela, pertencente, provavelmente, a uma das mulheres com vínculos com a Irmandade e o Candomblé do Bogum. (Nascimento, 1998).

A Irmandade da Boa Morte está estabelecida atualmente na cidade de Cachoeira, na Rua 13 de maio, em três casarões do final do século XVIII, doados por grupos de afro-estadunidenses². Na atualidade, a Irmandade ainda mantém vivos elementos da cultura afro-brasileira, expressos através da prática de rituais religiosos, da transmissão de conhecimentos com base na oralidade, da indumentária, da culinária, da música e da dança.

Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte: uma perspectiva museológica e de gênero

A utilização do gênero, como categoria de análise do social, foi uma conquista do movimento feminista, criado no bojo dos chamados *novos movimentos sociais*, dos anos 1960-1980, que apelavam para as identidades específicas de cada movimento reivindicatório. Neste sentido, Hall (2001) salienta que:

[...] O feminismo faz parte daquele grupo de ‘novos movimentos sociais’ que emergiram durante os anos sessenta (o grande marco da modernidade), juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contra-culturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do ‘Terceiro Mundo’, os movimentos pela paz e todo aquilo que está associado com ‘1968’. (Hall, 2001, p. 44).

Ao analisar a Irmandade, a partir de uma perspectiva de gênero, no Projeto de Ação Afirmativa do Museu Afro-Brasileiro, objetiva-se destacar esta categoria como importante para o estudo dos demais movimentos sociais afro-brasileiros. Compreender os distintos papéis desempenhados por homens e mulheres vai além da condição do sexo biológico, relaciona-se diretamente à construção social destes papéis na sociedade colonial e contemporânea. Na trajetória da Irmandade, percebe-se que, mesmo convivendo num contexto sexista, de explicitação do poder masculino e submissão feminina, ela apresenta alternativas e mecanismos de superação.

No caso específico da Irmandade da Boa Morte, desde a sua formação, as mulheres da Irmandade sofreram preconceitos de cor, de gênero e de classe social, principalmente pelo

² Para a reforma dos casarões, as irmãs contaram com o apoio do escritor Jorge Amado. Nas dependências, está incluída uma capela.

formato da sociedade elitista colonial, de caráter patriarcal e sexista, que privilegiava o papel do homem, o chefe da família - núcleo central do sistema econômico - e que relegava às mulheres um papel secundário. Os preconceitos estavam diretamente relacionados à posição da mulher e às relações do mundo do trabalho escravo, que as discriminava, pela cor da pele, mesmo que fossem libertas ou alforriadas. As mulheres tiveram que lutar e negociar para auto-afirmar-se neste sistema discriminatório, conseguindo mostrar seu trabalho na organização das festividades a Nossa Senhora e na conquista dos seus objetivos.

As mulheres da Irmandade preservam o que Pierre Verger (1992, p. 101) chama de “espírito de iniciativa” das mulheres africanas. Este “espírito de iniciativa” pode ser compreendido como fundamental para o desenvolvimento de associações femininas, como a Irmandade da Boa Morte. Em diversos países africanos, há exemplos de associativismo feminino, no qual as mulheres têm um papel de destaque, organizando e presidindo essas associações, como a Sociedade Geledé:

A sociedade Geledé é composta por mulheres acima da idade da menopausa. Elas são consideradas Iya-mi, nossas mães. Como tal são temidas como ajé (feiticeiras). As pragas duma mãe são as mais temidas na sociedade Yorubá. O poder das mulheres mais velhas na Sociedade Yorubá é essencialmente ligado a menopausa. A menstruação é concebida como poder gerativo da mulher. Quando a menstruação pára, esse sangue é guardado dentro da mulher formando um reservatório de poder antigerativo, ou seja, o poder de destruir, jogar pragas e fazer feitiços. A sociedade Geledé é mais forte na região Ketu que se estende para os dois lados da fronteira entre o Benin e a Nigéria (Brazeal, 2002, p. 1).

Outro exemplo de associativismo feminino na África são as *Mandjuandades* na Guiné-Bissau, nelas “[...] As mulheres ocupam cargos influentes no topo da organização hierárquica (sendo, muitas vezes na prática, a rainha que detém a maior influência nas atividades da associação) [...]”. (Borges; Freitas, 2005, p. 6).

Através destas citações, fica explicitada a importância da mulher para as comunidades africanas, nas quais existe o associativismo. Não se tem registro da criação de outras irmandades formadas unicamente por mulheres, sendo elas principalmente negras, escravas, alforriadas e libertas. Nas demais, quando havia mulheres na sua composição, elas tinham uma participação bem menor em relação aos homens. Segundo Reis (1991), às mulheres cabia apenas a organização das festividades religiosas da Igreja, a participação nas mesmas e os serviços de caridade aos irmãos necessitados.

Fato interessante e a ser analisado é o modo da participação masculina na Irmandade da Boa Morte, onde normalmente as mulheres tinham liberdade para decidir e organizar as festividades. Segundo Nascimento e Isidoro (1988), a participação dos homens era somente nas eleições para os cargos da Irmandade da Boa Morte e para outros pequenos serviços que exigiam a presença deles, para tal contavam com a ajuda dos irmãos da Irmandade do Bom Jesus da Paciência:

[...] a tarefa da organização das solenidades, por vezes algumas ajudas extras, como pintura de casa, [...], o presidente dirigia a eleição da Juíza ou Provedora da festa do ano seguinte, [...]. Em seguida é dado os ‘cargos’ (funções) de Escrivã, Tesoureira e Presidente de Comissão da festa. [...]. (Nascimento; Isidoro, 1988, p. 27).

Esta participação masculina na coordenação do processo de eleição de uma Irmandade só de mulheres exemplifica o modo como a sociedade escravista e sexista colonial se comportava em relação às mulheres. Mesmo que os cargos fossem distribuídos entre elas, cabia aos homens a coordenação do processo de escolha.

É possível se afirmar que, no Brasil, as mulheres negras foram as grandes responsáveis pela manutenção da maioria das práticas culturais de matriz africana, driblando regras estabelecidas dentro da sociedade brasileira que insistiam, e ainda insistem, em colocá-las numa *situação de invisibilidade*. A Irmandade da Boa Morte, ao longo dos tempos, vem contribuindo para a manutenção de elementos da memória afro-brasileira, seja através de registros seja pela oralidade, pelos trabalhos desenvolvidos com a comunidade ou com as próprias irmãs.

A celebração da festa de N. S. da Boa Morte

A organização das festividades começa meses antes, momento em que as irmãs se preparam para a dedicação total a Nossa Senhora, procurando dividir as tarefas entre si. No primeiro dia da festa, acontece a missa, na Capela da própria Irmandade, em memória das irmãs e parentes falecidos. Neste dia, as irmãs usam o traje branco, simbolizando o luto na cultura afro-brasileira. Logo após esta celebração, é servida a *ceia branca*, composta de peixes e comidas que não contêm azeite de dendê. No segundo dia, acontece a missa de corpo presente, seguida de procissão ou cortejo fúnebre pelas ruas da cidade, com as irmãs vestidas nos seus *trajes de gala* ou *beca*³. No terceiro dia, é realizada a missa e a procissão da Assunção de Nossa Senhora da Glória, com as irmãs usando o traje de gala, deixando à mostra a cor vermelha, simbolizando a alegria e a glória de Nossa Senhora e usando grande quantidade de jóias.

A procissão é acompanhada por milhares de visitantes e com intenso foguetório. Logo após a procissão, na casa-sede da Irmandade, é servida uma feijoada acompanhada de *samba de roda*. É importante marcar que a celebração dos festejos, após a procissão, é, muitas vezes, compreendida como festa profana, partindo da concepção ocidental dicotômica entre sagrado e profano; no entanto, para a cultura afro-brasileira, a festa é tida também como sagrada. Ao celebrar a morte e a vida de Nossa Senhora, as irmãs o fazem com muita festa, ainda que a imprensa e os órgãos de cultura afirmem tratar-se de dois momentos diferenciados.

Neste dia, Cachoeira recebe milhares de turistas, principalmente afro-estadunidenses, além de outras Irmandades, das comunidades circunvizinhas e da capital, para prestigiar essa prática cultural, que preserva elementos importantes da memória afro-brasileira. É importante ressaltar que, mesmo na atualidade, quando a Irmandade já conquistou legitimidade na sociedade baiana e brasileira, fazendo com que as suas festividades tenham uma repercussão nacional e internacional, a população local ainda não participa, efetivamente, dos festejos; geralmente, quem participa da festa são as pessoas da *comunidade de santo* e os turistas de diversos lugares do Brasil e do mundo.

Considerar a Irmandade da Boa Morte como patrimônio cultural afro-brasileiro é compreendê-la a partir da dinâmica da materialidade-imaterialidade, dentro ou fora da instituição museu. É importante não perder de vista que a Irmandade, nos seus quase duzentos anos de existência, tem conseguido *preservar* traços relevantes da cultura afro-brasileira, utilizando, para tanto, argumentos teórico-metodológicos não reconhecidos oficialmente. Com base nas categorias museológicas, é possível estabelecer relações que possam abarcar as formas de conhecimento historicamente construídas e reconstruídas pela Irmandade.

³ Mais informações em: LODY, Raul. Jóias de Axé: fios de contas e outros adornos do corpo: a joalheria afro-brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

O conceito de *preservação* aqui proposto busca considerar a dinâmica sócio-cultural da instituição, a partir da sua própria vivência. O projeto de ações afirmativas museológicas busca dar visibilidade e reconhecimento às *ações preservacionistas*, que, baseadas na memória ancestral, a Irmandade tem desempenhado na sua trajetória. A inclusão desta temática no Museu Afro-Brasileiro vem responder a uma histórica *invisibilidade* das questões étnico-raciais nas instituições oficiais e tradicionais de memória.

As poucas irmãs da Boa Morte - pouco mais que duas dezenas de mulheres – quando, no passado, já chegaram a mais de duas centenas; mesmo em face das variadas mudanças culturais, sócio-econômicas e religiosas continuam encontrando razões para sua existência e função social, mantendo sua tradição com força e beleza, preservando traços característicos das memórias ancestrais. A dinâmica associativista que remonta às associações femininas na África, constitui-se num importante elemento para sua própria sobrevivência na sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de *Obra-prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade*, estabelecida pela UNESCO, em 1998, abarca, na sua plenitude, instituições como a Irmandade da Boa Morte, que sintetiza diversos símbolos do patrimônio cultural afro-brasileiro, na sua vertente imaterial ou material, como importantes elementos configuradores das identidades afro-brasileiras.

A discussão em torno da preservação do patrimônio cultural relaciona-se diretamente às dinâmicas sociais, no sentido de que as diversas práticas culturais são re-significadas no espaço e no tempo. O reconhecimento da Irmandade da Boa Morte como patrimônio afro-brasileiro, passa pelo reconhecimento do trabalho secular de mulheres que souberam, e continuam sabendo, negociar com os mecanismos que a sociedade colonial e contemporânea lhes oferece. No que se refere ao patrimônio cultural afro-brasileiro, é preciso *estabelecer diálogos* com os sujeitos que o *constroem* e o *reconstroem* nesta dinâmica.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, João da Silva. *Procissões tradicionais da Bahia*. 2º ed. Revisada. Salvador: EGBA, 2001.
- COSTA, Sebastião Heber Vieira. *A festa da Irmandade da Boa Morte e o ícone ortodoxo da Dormição de Maria*. Salvador: Zuk, 2002.
- LODY, Raul. *Devoção e culto a Nossa Senhora da Boa Morte: pesquisa sócio-religiosa*. Rio de Janeiro: Ativa, 1981.
- NASCIMENTO, Luíz Cláudio Dias do. *Candomblé e Irmandade da Boa Morte*. Cachoeira: Fundação Maria Cruz, 1998.
- NASCIMENTO, Luíz Cláudio Dias do; ISIDORO, Cristiana. *Boa Morte em Cachoeira*. 1º ed. Cachoeira: Arembepe, 1988.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras: 2003.

VERGER, Pierre Fatumbi. *A contribuição especial das mulheres ao candomblé do Brasil*. p. 93-117. VERGER, Pierre Fatumbi. *Artigos*. São Paulo: Corrupio, 1992.